

Hamlet:
Ser ou não ser?
Só Freud
explica

CPMTRATP M° 3956791
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO

DF

LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO IV Nº 35 / 38
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL



O Poeta da Vila

Sessenta anos
sem a poesia de Noel

Notícia Geral,
duzentos anos
de
história de
Goiás

Entrevista:
José Godoy
Garcia, 50 anos
de literatura

José Godoy Garcia



Vivemos, de há muito, num mundo em que a poesia tem sido de tal maneira prostituída, manipulada na sua essência, na sua técnica, que não está exigindo muito talento. Torna-se um gênero muito gasto - qualquer meio quilo de talento é um livro de poesia no gargalo do mundanismo chulo.

Uma vida dedicada à arte

Entrevista concedida a João Carlos Taveira para o **DF Letras**

No próximo ano, um dos principais escritores de Brasília (por que não um dos melhores do Brasil?) estará completando oitenta anos de vida e 50 anos de atividade literária. José Godoy Garcia, que chegou a Brasília antes mesmo da instalação do primeiro canteiro de obras, demonstra, nas declarações abaixo, ser possuidor de uma visão isenta de bairrismo e de uma paixão pulsante pela vida. Nestes oitenta anos de jovialidade, a trajetória humana e poética de José Godoy Garcia justifica o pensamento de André Malraux (o marxismo não é uma filosofia mas um destino), pois, independentemente das revisões conceituais das relações entre

capital e trabalho, nunca perdeu a solidariedade e a capacidade de acompanhar o processo histórico, com uma sempre lúcida postura crítica.

Segundo afirmou Salomão Sousa, ao examinar **O Flautista e O Mundo Sol Verde e Vermelho** (Thesaurus, 1994), "se José Godoy Garcia, enquanto homem, é marxista, quase extremista, provocativo; enquanto escritor é aquele que pratica o equilíbrio - não como simples neoliberal. É o poeta dialético, que não se arrasta pela simples

esperança, pois entende que o mundo se transforma não só pela ação, mas também pelas idéias. E para ele as idéias de transformação podem ser novas, devem ser novas, não podendo se pautar sempre por posições já fixadas. As idéias novas passaram a fazer parte do mundo, reza um de seus versos filosóficos para reafirmação deste embate dialético, entre ação e idéias, que possibilita o sonho de todos - ser feliz".

Bibliografia: **Rio do Sono**, poesia

(1948); **O Caminho de Trombas**, romance (1966);

Araguaia Mansidão, poesia (1972); **A Casa do Viramundo**, poesia (1980); **Aqui é a Terra**, poesia reunida (1980); **Entre Hinos e Bandeiras**, poesia (1985); **Os Morcegos**, poesia (1986); **Os Dinossauros dos Sete Mares**, poesia (1988); **Florisundo Periquito**, contos (1990); **O Flautista e o Mundo Sol Verde e Vermelho**, poesia (1994); e **Aprendiz de Feiticeiro**, estudos críticos (1997).

E N T R E V I S T A

DF LETRAS - Em 1948, foi publicado *Rio do Sono*, seu primeiro livro de poemas. O que está sendo preparado para comemorar os 50 anos de sua atividade literária?

JQQ - Em 1998, terminarei esta obra, que comecei em 1948. Será que deverei comemorar este feito que tem durado 50 anos? Nem sei!... O que sei é que chega ao final agora o que foi começado naqueles anos, pós-vitória contra o nazismo. Sim, termino agora com a publicação de todos os meus livros, que, em verdade, são um só feito, uma só obra, uma só tempestade, uma só bonança.

DF LETRAS - Para contradizer um de seus críticos, onde você se esconde? Na poesia ou na prosa de ficção?

JQQ - Eu não me escondo nem na prosa nem na poesia. Eu, neste espetáculo circense, simplesmente me apresento, na pretensão de não me esconder em nada, para falar o que me vem ao coração, doidamente o que me vem à consciência. Sou um ser que leva para o além, como todo mundo, o nada. Mas o que fica é uma dedicação à arte. Pois considero a arte a mais bela forma humana de estar na vida e sentir o ser na sua vitalidade excepcional. Eu tenho a impressão de que, se não houvesse poesia e arte no mundo, eu seria simplesmente um

punheteiro num cárcere, num deserto ianque. Poeta inquisidor: por que isto tudo? Porque nada mais insípido e vazio do que ser punheteiro (em tudo); nada mais insípido e vazio do que ser obrigado a passar os dias num cárcere; porque o deserto é tudo que é estéril e despido de vida; porque ianque é tudo isso e mais; é pobreza no enlaidado de um quarto com cortinados onde é bem possível acontecer um crime horrendo com sangue dos pés à cabeça.

DF LETRAS - Gertrude Stein considera que o escritor não precisa de crítica, mas de valorização. Quais foram seus críticos, e em que eles contribuiriam para o desenvolvimento de sua obra?

JGG - Gertrude Stein foi uma literata de uma geração que se proclamou perdida, teve a graça divina de se inteirar do sexo santificado da mulher (era lésbica), com a pretensão de ter sido a inventora do *stream of consciousness*! Deu uma banana pra bestialidade ianque e foi morar em Paris da primeira metade do século. Sim, tudo isto. Mas essas suas tolices de dizer que o escritor não precisa de crítica, e sim de ser valorizado, só tem um sentido de equívoco: a forma mais digna de se valorizar a obra de um escritor é através da crítica. A crítica se manifesta grandiosa, quando atu-

ante no seio da sociedade. E, ainda, quando atuando por sobre a obra de um determinado escritor. Em geral, ela, a crítica, vale para todos, ainda que o criticado se sinta injustiçado ou ofendido. A crítica é sempre positiva e abre campo ao debate e descortina uma porção de problemas. O meio que seja hostil à crítica, ou em que ela esteja em crise, ou em ruínas, como em nosso país, na atualidade, é um meio que está em decadência. Só uma vigorosa crítica poderá ajudar na construção ou reconstrução de uma nova etapa da vida cultural, uma nova fase, um novo tempo. Ela representa um processo de conhecimento; constitui um acervo da cultura humana. Quanto a mim, os críticos que contribuíram para o desenvolvimento de minha obra foram Marx, São João Batista, Tchecov e minha jovem mãe revolucionária. A crítica, na sua essência, tem um sentido revolucionário.

DF Letras - Em seu livro mais recente *Aprendiz de Feiticeiro*, você envereda pelas trilhas tortuosas da crítica literária. Esse enveredamento representa uma necessidade de oposição à crítica vigente, ou uma ocupação do espaço em que ela deveria existir?

JGG - Por que tortuosa? Você não está sendo preconceituoso com respeito ao **Aprendiz de Feiticeiro**? É ver-

dade que hoje, e desde há muito, há no país uma elite que está sempre olhando com suspeição um livro de crítica. É lógico: não por acaso, a crítica é sempre um gume diabólico contra os desmandos e as intrigas e as sanhas mal-amadas dessa elite. É lógico: é uma elite fajuta. De um país em crise social aberta, com males velhíssimos, aberrações mais antigas que a Sé de uma Bahia ou de uma Candelária assassina de meninos de rua. Nossos já velhos e desnaturados e arruinados figurões detestam uma obra crítica; vêem-na não só com desdém, mas com desbriada maledicência, não sereno despeito e desconsideração. Porque uma obra crítica, por pequena que seja, joga luz no grotesco de suas opiniões e mais: joga luz na completa e ruinosa ausência de valores críticos e estéticos por parte destes eunucos da literatura. Uma obra serenamente feita numa trilha de critérios filosóficos é uma estrela-guia que sempre foi torpedeada pelos mandarins, novos e velhos. Nunca um livro de crítica é tortuoso. Um tiro de canhão ou de garrucha no obscurantismo é sempre um grande beijo envenenado de verdades. O livro agora dado à luz, **Aprendiz de Feiticeiro**, não é um almanaque, destes de advogados buscando dourar embustes nos seus caminhos. É um livro que cria, levanta idéias, problemas, investe contra o que se passa nos departamentos de letras das universidades, contra o embusteiro dos métodos dos senhores pós-graduados de nossas universidades. É o livro que ocupa um espaço, antes quase totalmente ocupado por burocratas da palavra e da linguagem. As universidades brasileiras são os poleiros das manipulações mais crasas.

Não há teoria, não há pensamento, há uma só crapulice, que é a manipulação.

DF Letras - Você foi sempre um homem de intensa militância política. Parte da história dessa militância está registrada no seu romance *O Caminho de Trombas*, de 1966. Ainda é possível ser marxista? Hoje, depois de mudanças radicais no processo de for-

mação de opinião, qual a melhor forma de engajar-se politicamente?

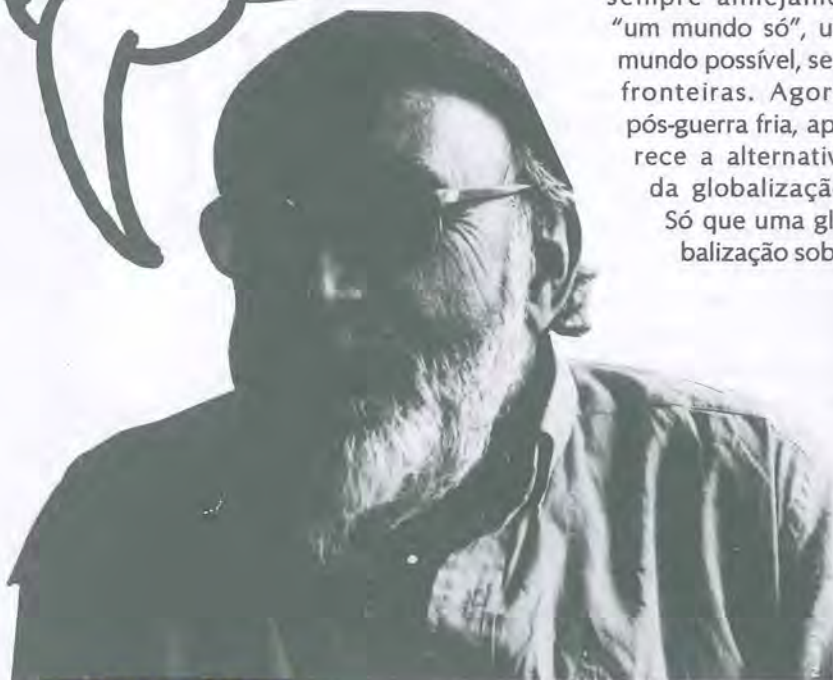
JGG - Este termo engajamento é parte de uma enojada noção elitista (militarista) e não dá bem o sentido real do que vem a ser a participação de um ser comum na vida política de seu país. Neste processo de ingênuo, legítimo participar, eu me tornei um marxista. Me indaga você: ainda é possível ser marxista? Ora: desde o começo do mundo, eu sou marxista, e mais engraçadamente e mais necessariamente: desde o começo somos todos marxistas. É sempre enganoso pensar que o mundo anda pelos caminhos da antidialética e do idealismo filosófico.

E eu explico por quê. Porque a vida na face da Terra é real. Pode-se caminhar pelo idealizado, pensar que assim se avança e caminha, mas, ao cabo de algum tempo, tudo se resolve e o

homem acaba por perceber que a essência material, o sentido das condições vivas do ser é que determinaram o avanço e a vida. Por outro lado, pode-se caminhar pelas trilhas certas, não idealizadas, pelas trilhas reais, e ainda assim podemos errar!... Frustrantes, nossos objetivos e sonhos. Frustrantes, para uns sempre tolos, frustrantes para uns certos parasitas da vida, que, diante de derrotas, sentem-se traídos, gajos ressentidos!, punheteiros! É preciso ter consciência sobre o movimento da vida. Quando se toma conhecimento desse movimento, tudo fica claro e nos tornamos marxistas! Eu vivi antes do "muro!" como um participante na luta, numa guerra que se chamou "guerra fria". Agora eu vivo (depois do "muro") mais vivo e alerta, porque, pelo menos aparentemente, não há uma política de guerra e de armamentos. Os blocos de guerra se desfazem, se bem que contra suas vontades e interesses.

Agora estamos livres para pensar o nosso país, pensar a humanidade, sem guerra fria! A história da humanidade é um processo feito num ritmo de fluxos e refluxos, como todo processo... Na atualidade, pós-guerra fria, levanta-se uma alternativa, a da globalização do mundo. Nós, marxistas, sempre almejamos "um mundo só", um mundo possível, sem fronteiras. Agora, pós-guerra fria, aparece a alternativa da globalização. Só que uma globalização sob a

É sempre enganoso pensar que o mundo anda pelos caminhos da antidialética e do idealismo filosófico.



hegemonia das forças imperialistas, que não se desengajaram de suas políticas de domínio, de imposição dos seus interesses e privilégios conflitantes com os interesses da imensa maioria dos povos. Haveremos de modificar estas estratégias dominadoras. Acabou-se o fantasma do comunismo - graças a Deus! -, esta moeda forte que era exibida pelos inimigos dos povos no sentido de se ajertarem no processo de pilhagem e domínio. Graças a Deus! Graças à "queda do muro", a que tanto sonhou o poeta Anderson Braga Horta na sua poesia, ele que sempre fez parte dos que engordavam a palavra de ordem aos poetas do mundo contra o "engajamento"!!! Graças ao Padim Ciço! Graças à Nossa Senhora da Abadia! Graças à Nossa Senhora Aparecida! Acabou (com a queda do muro!) o "fantasma do comunismo". Agora vivemos o processo dialético do mais legítimo real da vida e da história. O dia-a-dia da vida vai ser mais intensamente vivido. Neste final do século vinte, na entrada do terceiro milênio, haveremos de caminhar mais profundamente dentro do "real" (sem trocadilho), e este real significa ser livre em nossos caminhos e sem uma excrescência brutal, que sempre vem a ser andar sob o guante dos planos de guerra das forças dominantes imperiais. Caminharemos dentro de verdades que se abrem à consciência mais alerta e experiente do homem. Nesta nova fase da vida da humanidade, não há, pelo menos abertamente, novos planos de guerra. E a paz mata os morcegos do ouro-dólar! Não estou iludido por um exame de caráter idealista: pode ser que nova intente se formar no sentido do choque militar entre as nações. Sabemos que os interesses econômicos contraditórios poderão levar a novas intentes. Mas digo (e é uma voz sábia do poeta da terra e das águas e dos homens simples): vai ser muito difícil reestruturar-se uma nova "guerra fria". E gostaria de dizer: será muito difícil reestruturar-

se uma nova guerra mundial! Os sapos, os deuses de todos os matizes, os poetas, as jovens loucas de amor e os maduros incruentos dirão comigo: muito difícil uma nova guerra fria! Nestas condições, devemos concluir ainda: assim teremos, na face da Terra, um desenvolvimento da liberdade, da cultura, da emancipação nacional, do progresso. Será um desenvolvimento pacífico, sim! (Poderá não sê-lo, em cada fronteira nacional, em cada país!).

DF LETRAS - Quais as adversidades enfrentadas pelos escritores do Planalto Central, para afirmação e reconhecimento de sua obra no cenário nacional? Estaria faltando uma política literária voltada para os interesses da região?

A forma mais digna de se valorizar a obra de um escritor é através da crítica.



JGG - Taveira, profeta cândido: esse negócio de afirmação e reconhecimento no cenário nacional é negócio de "almirante batavo". Já acabou isto. Nós só temos um sonho - mansidão -, um *élan* para dominar a fêmea: é sermos leais. Leais com o nosso tempo, leais com o nosso ofício. Temos de nos dar conta de que não há nenhuma capital da metrópole medrando em nosso ninho. Hoje, tanto é "desconhecido" no Brasil o poeta daqui e d'além-mar, d'aquém e d'além-muro, daqui e do Maranhão! Há uma situação que podemos dizer emancipada: um tolo jactancioso que mora no Rio não vale nenhuma moeda podre a querer nos empresariar, e a literatura está dentro da ruína geral da Nação, da debandada colonial que desmedra no seio da Pátria! Somos da pátria filhos da... E estamos salvos, heróicos, em outros rumos. Urge criar: sejamos gratos! Devemos pensar nos interesses de nossa região e da humanidade, ter consciência de que fazemos parte da humanidade, não nos perdermos em fronteiras primárias e estéreis. Isto é uma mineirice, um gauchismo (o supra-sumo do patrioteiro fessandê). Devemos ser fiéis a nós mesmos, ao nosso momento histórico, ao ser humano que está vivo e está morrendo e está nascendo! O mundo sempre foi nosso! Agora temos a sorte de estarmos vivos! Há uma história das liberdades, uma história das emancipações, uma história do homem! E fazemos parte dessa corrente humanista!

DF LETRAS - O homem moderno tornou-se introspectivo e individualizado. Não há mais grupos nem correntes preocupados com uma mesma estética. Exige-se apenas que a obra apresente novidades estilísticas ou traga conteúdo de impacto. Os poetas tornaram-se uma elite em que eles mesmos não se entendem? Ou a poesia não precisa mais de leitores?

JGG - Quanto à sua pergunta afirmativa de que "o homem moderno tornou-se introspectivo e individualizado", não concordo com isto. E, ainda, afirmativo: "Não há mais grupos nem correntes preocupados com uma mesma estética." (O maior crime contra o pensamento é não termos em mão uma mais digna filosofia estética.) "Exige-se que a obra apresente novidades estilísticas ou traga conteúdo de impacto." (Esta, uma palhaçada formal dominante.) Afirmativo: "Os poetas tornaram-se uma elite em que eles mesmos não se entendem? Ou a poesia não precisa mais de leitores?"

Eu respondo a toda esta sua indagação, com o meu livro **Aprendiz de Feiticeiro**. Mas devemos considerar: a poesia, se está por demais desvalorizada, e não vale um tostão de mel furado no mercado, nem mesmo para os que se dão ao ofício, isto é resultante de razões óbvias. Primeiro: porque a poesia não exige muito esforço; representa o fazer num pequeno espaço. Ao contrário do cinema, que exige dinheiro, muito dinheiro, conhecimento técnico. Assim, o teatro. A poesia não exige nada disto. Exige, sim, talento criador, energia individual, compreensão do mundo, ternura, coragem, sexo, bondade humana. Mas vivemos, de há muito, num mundo em que a poesia tem sido de tal maneira prostituída, manipulada na sua essência, na sua técnica, que não está exigindo muito talento. Torna-se um gênero muito gasto - qualquer meio quilo de talento é um livro

de poesia no gargalo do mundanismo chulo. E, se se percebe dificuldade na criação poética, pratica-se o que é tradicional, o que é oficial (já tão nacionalmente hino), o soneto. Esta técnica dispensa a criação: o gajo se aperfeiçoa no contar as sílabas, no apertar o colete do decassílabo e das rimas, e as idéias e os sentimentos e os conflitos são deixados de lado pela elite ancha, e o vício se alastra. Já lá se vão passando quase cem anos de sonetos - que são só técnica. Uma merda de cruces no cemitério de nossa ruína nacional literata. É um porco jeito de conformar a elite porca: é coçar, coçar, coçar nossas perebas e barrigas e, quando muito, cantar o "muro".

DF LETRAS - Agora, uma pergunta que faço a todo poeta. Qual o seu processo de criação? Como e quando nasce o poema?

Eu, neste espetáculo circense, simplesmente me apresento, na pretensão de não me esconder em nada, para falar o que me vem ao coração.

JGG - O meu processo de criação é aquele olhar a natureza, aquele observar o ser humano, estar atento aos movimentos da vida no seu processo conflitivo, e amar, sentir a força do corpo. Estar presente no nascimento do novo que a cada hora nasce e dá uma energia vigorosa à vida. (Saudação ao computador que me ajuda na tática de criar.)

DF LETRAS - Para terminar, como você consegue ser sempre jovial, amar com tanta intensidade a vida?

JGG - E você me pergunta: como amar com tanta intensidade a vida? E eu respondo: seja velho! Só um velho tem o poder para amar com a devida profundidade a vida. Mas seja novo, sempre novo para destruir os males que não permitem que o homem seja bem feliz. E mais um conselho de filosofia ancha e intimista: seja honesto, seja digno de ser um artista, seja carinhoso com as meninas novas e com as meninas velhas, seja revolucionário, mandando à merda sempre as aparências! Se o omisso burocrata ou o omisso cafajeste ou o omisso bonzinho achar que você é um ilusionista ou achar que você é um falsário - seja omisso ao menos esta vez: deixa pra lá...

João Carlos Taveira, poeta, crítico, jornalista literário, faz parte do Conselho Editorial do *DF Letras*.

